

CEDI - P. I. B.  
DATA 30/08/93  
COD. 01D00030

AO  
CLHM - Conselho Estadual dos Direitos do Índio  
Secretaria de Justiça do Governo do Estado - MS

Comentários sobre os Guarani do MS:

. o caso de Dourados:

Os Guarani do MS são os pertencentes dos sub-grupos Guarani/Kaiowá (ou Pai Tavyterã) e os Guarani Nandeva. O terceiro sub-grupo - os Mby'a - não tem presença aqui e habita os Estados do ES até o RS, principalmente nas serras próximas ao mar.

No MS, ambos os sub-grupos, somam o número estimado próximo a 20.000 Guarani, sendo que os Kaiowá são maioria. Seu território, neste Estado, compreende todo o extremo sul, desde o rio Apa (norte); a divisa fronteiriça com o Paraguai (oeste); o rio Paraná (sul) e o rio Ivinhema (leste).

Entre os Guarani/Kaiowá, principalmente, a noção de território (Tetã) é bem definida, bem como a da aldeia (Tekoha) (1).

Os Guarani são tradicionalmente agricultores e a roça de subsistência é sua base econômica. A coleta, caça e pesca que são atividades secundárias, mas importantes, vêm sendo cada vez mais escasso em virtude da rápida e nefasta transformação do ecossistema em seu território.

O TEKOKHA DE DOURADOS:

Localiza-se a 4 Km do centro da cidade do mesmo nome, cortado ao meio pela BR que liga a cidade de Itaporã. Espremido entre essas duas cidades vive uma população de cerca de 7.000 índios, entre Kaiowá, Nandeva e Terena, dividindo uma área de menos de 3.600 ha. Não há nenhum senso recente para efeitos do número exato de ocupantes em Dourados, mas que, de qualquer forma, não é significativamente abaixo ou acima deste número.

Esta área é, sem dúvida, a que maior número de possibilidades de contato apresenta para os representantes destes grupos que ali habitam. É a mais problemática dado o multifacetado universo em que está imersa com a proximidade da cidade de Dourados, foco centralizador da economia regional, a mais produtiva do Estado.

nessim como outras áreas, Dourados serviu de receptora prioritária de inúmeros tokohs outrora existentes na região formada pelos vales dos rios Dourados e Brilhante, suas cabeceiras e afluentes. Dourados foi, neste sentido, catalizador de famílias Guarani oriundas de toda a região compreendida hoje entre as cidades de Rio Brilhante, Maracajú, Itaporã, Ponta Forã, Caarapó, Glória de Dourados, Ivinhema. Observa-se uma tendência o organismo oficial quase compulsiva de inchar esta área, para onde são levados todos os índios que entraram em conflito com fazendas desde 2 ou 3 décadas passadas, a exemplo de Rancho Jacaré, Guaimbé e Mbarakajú e tantos outros não conhecidos.

A presença Terena realça diferenças marcantes entre esta etnia e os Guarani, fornecendo ao senso comum um parâmetro de relacionamento de índios com a sociedade regional ao qual os segundos não se adequam. Levados a Dourados na década de 1920 - para "ensinar" agricultura aos Guarani -, a política desenvolvida pelos Terena, corroborada por administrações da Funai e por muitos incentivos regionais, marcou o surgimento de categorias sociológicas e personagens que usaram em benefício exclusivo algumas benesses oferecidas pelas agências presentes. Acreditava-se, assim, que os Terena em pouco tempo seriam assimilados à sociedade regional, levando consigo os Guarani. A iniciativa e os incentivos serviram para ampliar a gama de problemas em Dourados.

Para muitos os Terena ainda são considerados modelo que deve ser seguido pelos Guarani, principalmente em relação a adequações tecnológicas de produção agrícola e expectativa de produção da terra. Os Terena mantêm relações mais fluidas com os regionais e apresentam-se mais receptivos às propostas e iniciativas do branco, sugerindo representações mais objetivadas em relação a uma esperada "integração". Isto contrasta marcadamente com o ambiente Guarani, principalmente Kaiowá, que tem se recusado nos últimos 60 anos em aderir e se deixar influenciar por este modelo, muito ao contrário. Neste contexto os Kaiowá conseguem manter um relativo isolamento nas disputas e desavenças internas, muito comuns em situação tão complexa.

As diferenças entre as duas etnias são notadas também no campo político. Apesar de a cada grupo corresponder um "capitão", dos Kaiowa serem em número superior, de se esperar neutralidade na distribuição de benesses, a supremacia dos Terena nas decisões internas e no usufruto da terra e de investimentos das agências foi flagrante na década de 1970.

Dourados foi considerado umas das áreas mais problemáticas na década de 1970 (vide jornais da época) devido a inúmeras violências praticadas por uma "polícia indígena" que então se criou, no sentido de manter a hegemonia do poder de decisão que, no processo, não faltaram as alianças, o clientelismo, os desmandos de agentes oficiais.

Em 1974 uma Comissão de Inquerito (Port. nº 319/P de 23.04.1974) foi instituída com objetivos de averiguar as possibilidades de emancipação da comunidade indígena e seus membros, mediante alguns critérios. O relatório, no entanto, concluiu pela não emancipação, mas revelou a existência de mais um intento de acabar com Dourados (Antonio Pereira Neto, 1974:25).

Em 1983 Dourados viveu um novo distúrbio interno de grandes proporções para a eleição do "capitão", cujo clima apontava para um confronto aberto entre as partes em disputa. Surpreendentemente o escrutínio terminou empatado. Em nova eleição, o pleito acabou em pancadarias e perseguições, culminando na transferência de várias lideranças e suas famílias para outros Tekoha.

Foi neste mesmo ano de 1983 que os índios de Dourados e outras áreas passaram a trabalhar nas usinas de álcool implantadas no MS, como cortadores de cana. Embora sabidos da exploração e dos abusos de toda ordem a que os Guarani estão submetidos, nada ou quase nada foi feito para se evitar tais práticas por parte das usinas e atravessadores.

Há pelo menos 2 décadas Dourados vive em permanente estado de tensão, onde as crises abertas são fenômenos de um processo de aprofundamento de disputas em todos os níveis. Paradoxalmente, o cultivo da soja coexiste, não sem conflitos e disputas, com a falta absoluta de terra. A relação de menos de 0,5 ha./pessoa acaba por favorecer a prática de arrendamento de terra, tanto entre os próprios índios, como também ao branco, por sua relação dependente dado o caráter de monocultivo.

Em momentos anteriores, outra iniciativa equivocada trouxe mais prejuízos ao Tekoha: foi introduzido o capim colônia com o objetivo de se criar gado na área. Atualmente o capim disputa com os índios o pequeno espaço para a agricultura.

#### OS SUICÍDIOS:

A existência de suicídios entre os Guarani no MS é constata-vel há pelos mais de uma década. Coincidentemente a segunda metade da década de 1970 os casos verificados já não mais poderiam ser considerados raros. Ramada e Takuapiry, áreas mais ao sul, passaram por períodos que ocorriam casos que, dada a população na época de 600 habitantes, o índice de 2/3 casos por ano pode ser considerado alto. Em Dourados os casos de suicídios consumados e tentativas intensificou-se na primeira metade da década de 1980 e de forma progressiva, até os dias de hoje.

O tratamento dado a esta questão tem sido diverso: na busca de causas e efeitos, aspectos importantes não tem sido dada relevância. Os Guarani de Dourados espelham, com mais intensidade e complexidade, uma situação vivida em outras áreas Guarani do MS, cujo processo, idêntico, toma a mesma direção e estão bastante próximo, a exemplo de Caarapó e Amambai. No caso de Caarapó, a violência interna tem refletido em casos de assassinatos.

Os suicídios de Dourados têm sido atribuídos a fenômenos do tipo: "aculturação", perda de identidade, desagregação cultural (tradição, religião, etc) e outros que, de maneira geral, subestima a capacidade dos Guarani de reestabelecer o seu esquema sócio-político de manutenção de sua identidade étnica. No entanto, para que isto ocorra é necessário que os Guarani disponha do recurso vital: a terra. É o espaço definido pelo lugar onde os Guarani realizam o seu modo de ser, de viver, da tradição, dos costumes (vide nota), o seu Tekoha. Não se trata de qualquer lugar, mas aquela determinada pelo seu Teko e sob determinadas condições físicas e ecológicas.

Como já indicado, Dourados foi uma área receptora de outros tekoha da região. O que se considera hoje a "comunidade" de Dourados é um complexo de vários tekoha, de grupos distintos que, compulsoriamente, são obrigados a conviver num mesmo espaço físico e extremamente exíguo. Neste contexto, certamente que a manutenção da sua identidade sofre grandes prejuízos: festas, rituais, roças exigem espaço para que os próprios Guarani preservem e reproduzam a sua identidade étnica, a sua maneira de ser.

Despertados pela repercussão dos casos de suicídios, Dourados experimenta hoje em dia grande interesse e iniciativas, oriundos de diversos órgãos governamentais (fed., est. e mun.), universidade e entidades da sociedade civil.

Dada a complexidade da área de Dourados e as iniciativas que implementaram até os dias de hoje, algumas providências podem ser destacadas:

1) Conforme texto constitucional, cabe antes de tudo, que o governo federal promova as demarcações definitivas das terras Guarani do MS, sem as quais todas e quaisquer iniciativas propostas de solução tendem ao fracasso, a longo prazo.

2) Que o Governo do Estado do MS, considerando a prioridade do item 1, estabeleça diretrizes e cujos programas que venham a ser implementados sejam previamente consultados e elaborados com organismos e especialistas no assunto, para melhor adequação junto as reais aspirações dos Guarani.

3) Que se institua uma equipe de especialistas no intuito de realizar um levantamento aprofundado dos problemas de Dourados, no sentido de permitir que se aponte perspectivas de encaminhamentos futuros, de longo prazo e de forma contínua.

4) Estabelecer diretrizes e linhas em conjunto com todas as iniciativas (governamentais ou não), no sentido de se evitar programas desconectadas, criando expectativas negativas aos Guarani.

5) Que todas as iniciativas por parte do governo do MS em que envolvam índios sejam previamente discutida em fórum do Cedin - Conselho Estadual dos Direitos do Índio - Secretaria de Justiça do governo do MS.

6) Descentralizar o Posto Indígena de Dourados em função da existência de diferenças marcantes entre os grupos étnicos existentes na área, no intuito de eliminar equívocos anteriores.

7) Considerar que a situação de Dourados é prioritária, mas que outras áreas Guarani do MS vivem os mesmos problemas, inclusive o suicídio.

Dourados, 28 de março de 1991.

Celso Shitoshi Aoki  
Projeto Kaiowá-Nandeva - MS  
Membro do Cedin - MS

Fonte: Arquivo PKN  
Rubem Thomás de Almeida  
Missão Metodista